

Redes e música: o estudo de redes de sociabilidade como ferramenta para pesquisas no campo da História da Educação Musical

Roberta Mourim¹

UNIRIO / PPGM

Doutorado

Subárea do SIMPOM: *Educação Musical*

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo de analisar a metodologia de duas teses de doutorado, de cunho musicológico, que aplicam o conceito de *redes de sociabilidade* (SIRINELLI, 1986) na investigação de suas fontes. Os pesquisadores — Rocha (2010) e Buscacio (2009) — utilizam cartas (documentos pessoais) para investigar aspectos que vão além da esfera do indivíduo. A partir da observação destes trabalhos, aponto soluções metodológicas possíveis para a pesquisa em andamento “Monina Távora: a pedagogia de uma artista”, que pretende analisar a atuação da violonista e alaudista Monina Távora como professora dos duos Abreu e Assad, assim como sua pedagogia. A pesquisa tem como objetivo específico investigar as *redes de sociabilidade* nas quais Monina estava inserida, com a finalidade de entender de que forma as ideias presentes nestas redes foram refletidas em sua prática como professora. Entre as fontes utilizadas, está a autobiografia não publicada da violonista, também um tipo de documento pessoal. Através da análise deste documento autobiográfico está sendo possível iniciar o mapeamento destas *redes*.

Palavras-chave: Redes de Sociabilidade; História da Educação Musical; Monina Távora; Duos de Violão.

Wires and Music: Sociability Networks as a toll for research in History of Music Education

Abstract: This paper aims to analyze two doctoral thesis's methodology (musicology) that take the *sociability networks* concept (SIRINELLI, 1986). The researchers — Rocha (2010) and Buscacio (2009) — use letters (personal documents) to investigate aspects that go beyond the individual's sphere. From these studies, I apprehend methodological solutions that could be used in my own research: *Monina Távora: the artist's pedagogy*, that intends to analyze the Monina Távora's work as guitar teacher of the Assad and Abreu brothers and her pedagogy. As one of the specific objectives, we propose inquire Monina's sociability networks to find how the ideas present in these networks were reflected in her pedagogic practice. Between the sources, there is an Monina Távora's unpublished autobiography, also a kind of personal document. Through it analysis, is being possible to start mapping the network.

Keywords: Sociability Networks; History of Music Education; Monina Távora; Guitar Duos.

¹ Pesquisadora sob a orientação de da professora Dra. Inês de Almeida Rocha com o apoio da CAPES (bolsa Demanda Social).

1. Introdução: a análise das fontes e as redes de sociabilidade

Nesta comunicação, discorro sobre a estratégia utilizada por dois pesquisadores do campo da Música — Inês Rocha² e Cesar Buscacio³ — em suas teses de doutorado para analisar trocas epistolares. Ambos têm a peculiaridade de utilizar o conceito de *redes de sociabilidade* e, conseqüentemente, estratégias de pesquisa compatíveis com ele.

O conceito de *rede de sociabilidade* trazido por Sirinelli pressupõe que o meio intelectual constitui um "pequeno mundo estreito" onde a produção intelectual se torna possível. De acordo com o autor, a linguagem comum passou a chamar este "pequeno mundo" de "rede" (SIRINELLI, 1986, p. 248).

Esta *rede de sociabilidade* teria duas naturezas essenciais: a da inclusão e a da exclusão (SIRINELLI, 1986, p. 249). Através da observação do funcionamento das revistas acadêmicas — que ele avalia como lugares privilegiados para a observação do funcionamento das redes — Sirinelli identifica ainda uma natureza espacial e uma natureza vivencial nas redes, onde se estabelecem as fidelidades, amizades (inclusões) e também as divergências, cisões e debates (exclusões) (SIRINELLI, 1986, p. 249).

Através da análise da troca de cartas — assim como ocorre quando tomamos, como objeto, as revistas acadêmicas — é possível observar as inclusões e as divergências presentes na rede formada pelos interlocutores e pelas pessoas citadas.

Tanto a tese de Rocha quanto a de Buscacio trazem Sirinelli entre as referências teóricas adotadas. Entretanto, para além deste autor, cada um deles opta por uma abordagem teórica diferente. As dessemelhanças no referencial acabaram gerando formas contrastantes na maneira em que eles tratam suas respectivas fontes, o que traz, por fim, análises com enfoques diferenciados.

Meu interesse sobre as estratégias metodológicas usadas por estes dois pesquisadores se deve a intenção de utilizar o conceito de *rede de sociabilidade* na pesquisa de doutorado que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) dentro da Linha de Pesquisa Ensino e Aprendizagem em Música.

A pesquisa em andamento *Monina Távora: a pedagogia de uma artista*, se propõe, entre outros objetivos, a analisar a *rede de sociabilidade* na qual a violonista argentina Monina

² Inês Rocha é professora do Colégio Pedro II e membro da Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

³ Cesar Buscacio é professor de piano e História da Música na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Távora — professora responsável pela formação dos duos Abreu e Assad — estava inserida. A partir de sua autobiografia, não publicada, mas cedida para esta pesquisa pelo violonista e luthier Sérgio Abreu, detentor dos direitos autorais do documento, proponho investigar as ideias presentes no meio intelectual em que ela estava inserida e de que maneira estas ideias eram apropriadas e aplicadas em sua pedagogia.

Cabe ressaltar que, em sua autobiografia, Monina fala pouco sobre seu cotidiano como professora, e seus pensamentos acerca de sua pedagogia aparecem, em geral, em segundo plano, nas entrelinhas. Apesar desta característica, a fonte traz indícios, pistas, capazes de revelar as bases filosóficas sobre as quais sua pedagogia foi desenvolvida, sendo, desta forma, possível aplicar o paradigma indiciário descrito por Carlo Ginzburg.

Grosso modo, o historiador italiano traça um paralelo entre seu método de investigação historiográfica e a semiologia médica. De forma análoga a um médico, capaz de realizar diagnósticos observando sintomas, o historiador pode, através da observação de pistas e da interpretação de sinais, produzir conhecimento (GINZBURG, 1990).

2. Novas fontes: o uso de documentos pessoais como fonte

A ascensão de uma abordagem historiográfica conhecida como "Nova História", que em geral vem sendo associada à maneira francesa de fazer História e à Escola dos Annales (1929-1989) (BURKE, 1992, p.19), trouxe um crescente interesse por temáticas ligadas a uma História "vinda de baixo" (BURKE, 1992, p.13). Nesta nova História, evidencia-se um interesse pela "opinião de pessoas comuns" e por "suas experiências de mudanças sociais" (BURKE, 1992, p.13). Uma prática que se contrapõe ao "paradigma tradicional", ligado à História política e ao feito dos "grandes homens" (BURKE, 1992, p.13).

Burke observou que esta nova maneira de fazer História acabou gerando problemas ligados às fontes. Se, no "paradigma tradicional", a pesquisa se baseava em registros oficiais, agora, eles se evidenciam insuficientes e frágeis (BURKE, 1992, p. 13). Neste novo cenário, os documentos pessoais — como autobiografias, diários, cartas, cadernos de anotações, etc. — passam a ocupar um espaço privilegiado em pesquisas historiográficas.

No caso específico do Brasil, isto vem se dando com maior destaque no campo da História da Educação (GOMES, 2004). Gomes observou um crescente uso de documentos pessoais — ou de "escrita de si" — em trabalhos neste campo, possivelmente porque "escrever cartas sempre foi um exercício muito presente em qualquer sala de aula" (GOMES, 2004, p. 9). Por outro lado, a autora observa que o professorado há muito é composto em grande parte por mulheres, que: "por questões de constrangimento social, tiveram seus espaços de expressão

pública vetados, restando-lhes exatamente os espaços privados, entre os quais os de uma escrita de si" (GOMES, 2004, p. 9). Desta forma, estes estudos apontados teriam se beneficiado de uma transformação mais ampla ocorrida na história, porque, já há algumas décadas, trabalhos que enfocam questões de gênero têm se tornado mais comuns (GOMES, 2004, p. 9).

Para além das cartas, observa-se que o uso da autobiografia vem ganhando uma nova dimensão nas pesquisas históricas recentes. Levillain (2003) observou:

A autobiografia, por sua própria natureza, supõe uma cultura que faz parte da expressão do "Eu". Aparenta-se, em consequência disso, à biografia dos protagonistas: a biografia do eu é a prima-irmã da biografia do Rei. Mas a história social, por mais impregnada que estivesse do coletivo, lhe deu, a partir de meados dos anos 70, uma dimensão nova, buscando-a como rastro expressivo dos meios sociais silenciosos no indivíduo, para devolver a palavra àqueles que foram privados dela quando o "Eu" tinha chance de não ser mais ninguém. (LEVILLAIN, 2003, p. 166)

Desta forma, a autobiografia, assim como a troca epistolar, passou a se configurar como fonte preciosa para pesquisas que privilegiam narrativas de indivíduos que não teriam onde se expressar fora do âmbito do privado.

Entretanto, o uso de cartas, autobiografias e documentos pessoais como fonte historiográfica, nos dias atuais, transcende as situações apontadas por Levillain e Gomes. No campo da pesquisa em Música, por exemplo, há alguns estudos⁴ que utilizam as cartas escritas por Mário de Andrade como fonte. Trago estes exemplos, para ressaltar que ele próprio não era um excluído, uma vez que possuía meios de expressão além do âmbito das trocas epistolares. Mas suas cartas possibilitaram a observação de aspectos do privado, que não poderiam ser acessados de outra maneira.

3. Do particular ao geral: narrativas pessoais, a escrita de si e a historiografia

O uso recorrente de narrativas biográficas e autobiográficas e documentos de escrita de si na historiografia tem gerado discussões sobre os limites e as especificidades que estes tipos de fontes podem trazer (GOMES, 2004) (AMADO e FERREIRA, 2006). Giovanni Levi (2006), no artigo *Usos da biografia*, identifica e classifica possíveis usos da biografia e da autobiografia no fazer historiográfico.

O autor analisa quatro tipos de abordagens usuais. Na primeira delas — prosopografia e biografia modal — as biografias individuais só despertam interesse se

⁴ Ver Flávia Camargo Toni (2017) e Jorge Vergara (2018), por exemplo.

ilustrarem comportamentos ligados às condições sociais estatisticamente mais frequentes (LEVI, 2006, p. 174).

No segundo tipo — biografia e contexto — o uso da biografia conserva sua especificidade, mas o meio e a ambiência são também valorizados, por serem aspectos eficazes para caracterizar uma atmosfera capaz de explicar a singularidade das trajetórias. Há, aqui, duas perspectivas diferentes: de um lado a reconstituição do contexto histórico social permite compreender o que, em um primeiro momento, parece inexplicável e desconcertante; de outro, o contexto possibilita preencher lacunas documentais através da comparação com a vida de outras pessoas que apresentam alguma característica análoga a do personagem estudado. Desta forma, a história de vida ajuda a elucidar o contexto, e o contexto ajuda a elucidar a história de vida (LEVI, 2006, p. 175-176).

No terceiro tipo de uso identificado — a biografia e os casos extremos — observam-se os casos de exceção. Os trabalhos construídos sob esta égide têm o mérito de evidenciar as margens do campo social dentro do qual estes casos se tornam possíveis (LEVI, 2006, p.176-177).

No quarto tipo — biografia e hermenêutica — o ato dialógico está salientado. Este tipo de abordagem tende a ser mais evidente em trabalhos de história oral. Levi salienta que, nessa perspectiva, o que é significativo é o próprio ato interpretativo ou o “processo de transformação do texto, de atribuição de um significado a um ato biográfico” (LEVI, 2006, p.178).

A análise que venho realizando, da fonte autobiográfica, pode ser qualificada como um trabalho do segundo tipo: biografia e contexto. Apesar de focar no que há de diferente na vida e na pedagogia de Monina, procuro destacar o contexto social através da identificação e da investigação das *redes* nas quais ela estava inserida e quais ideias estavam presentes nelas. Esta busca se relaciona metodologicamente ao trabalho de Rocha (2010).

Embora Rocha trabalhe com cartas, e eu com uma autobiografia, ambas recorrem a uma fonte de escrita de si. E, apesar da especificidade do discurso produzido na troca epistolar — ele é essencialmente dialógico, sendo um jogo interativo entre o autor e o leitor (GOMES, 2004, p.19) — ele abarca também um componente autobiográfico⁵.

Por este aspecto autobiográfico contido na troca epistolar, defendo que a maneira como Buscacio agrupa e analisa suas fontes, cartas, também pode servir como um suporte metodológico em minha pesquisa atual.

⁵ Mais sobre a dimensão autobiográfica das correspondências em Rocha (2012b).

4. Canções de Amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade — Inês Rocha

A tese de doutorado "Canções de amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade" (ROCHA, 2010), defendida pela pesquisadora Inês Rocha, pode ser considerada um desdobramento da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado dela: "Liddy Chiaffarelli Mignone: reconstruindo sua trajetória" (ROCHA, 1997).

Apesar desta continuidade temática, há mudanças de rumos que eu gostaria de destacar. Houve uma mudança significativa quanto a natureza das fontes. Somente após a conclusão da dissertação, Rocha teve acesso às cartas enviadas por Liddy a Mário de Andrade. Ela explica:

"Cerca de um mês após a defesa da dissertação de mestrado, fui procurada pelo neto de Liddy Chiaffarelli Mignone, Roberto Cenni, que tomara conhecimento do meu trabalho. (...) Depois desse primeiro contato, fui novamente procurada. Dessa vez, Roberto Cenni havia sido informado sobre a correspondência de Liddy Chiaffarelli, no Fundo Pessoal Mario de Andrade (FPMA), localizado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP)". (ROCHA, 2012, p.26-27)

A pesquisadora admite que, apesar de estar consciente da importância e da originalidade da documentação a que teve acesso, encontrou dificuldades em entender como usá-la em um trabalho científico. As cartas não tratavam, em sua maioria, dos processos de transmissão e aquisição de saberes musicais: o foco principal de interesse dela.

Foi através da observação de trabalhos do campo da História da Educação, que Rocha começou a encontrar saídas para sua pesquisa (ROCHA, 2012, p.28). Neste contexto, ela destaca um conjunto de pesquisas orientadas por Ana Chrystina Venancio Mignot no projeto: "Cultura docente na prática epistolar: um estudo sobre as cartas de professoras para Anísio Teixeira (1931-1935)", o qual ela fez parte. E também pesquisadores veiculados à História da Cultura Escrita, em especial Antonio Castillo Gómez e Verônica Sierra Blas (ROCHA, 2012, p.29-30). Ela afirma:

À medida que lia a correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone, à luz desses conhecimentos sobre escrita e pesquisa epistolar, constatava outras dimensões de sua atuação profissional e musical, além das da professora de Iniciação Musical, como as da concertista, compositora, da pesquisadora, da tradutora, da professora de canto e piano. (ROCHA, 2012, p.31)

Baseada nas informações trazidas pelas novas fontes, a pesquisadora optou por fazer um trabalho no campo da História da Educação Musical:

A correspondência que utilizei me possibilitou lançar novas questões e novos olhares sobre diversas temáticas no campo da Educação Musical. Pretendo aqui me deter em algumas delas, como as relacionadas à profissionalização da mulher no campo da música, circulação de modelos-pedagógicos musicais, uso da escrita privada como fonte de pesquisa, redes de sociabilidades, entre outros. (ROCHA, 2012, p.37-38)

Rocha dividiu sua tese em cinco capítulos e, em dois deles, o conceito de *redes de sociabilidade* ganha destaque: o terceiro, onde a pesquisadora examina "aspectos sobre a amizade" entre Liddy Mignone e Mário de Andrade; e o quinto, onde Rocha procura identificar elementos que possibilitem observar como a educadora se inseria em uma *rede de sociabilidade* de mulheres que atuaram no campo da educação musical.

No terceiro capítulo, as cartas evidenciam as relações de amizade que Liddy e Mário de Andrade estabeleceram com outros artistas. Observando as referências contidas nas cartas, Rocha identificou uma *rede de sociabilidade* que partilhava "ideias próprias ao movimento modernista e de suas características, tais como a atualização estética, a ruptura com modelos estabelecidos e a busca de uma identidade nacional" (ROCHA, 2012, p.41).

No quinto capítulo, a pesquisadora consegue situar a atuação de Liddy dentro de um grupo de mulheres que se dedicava à educação musical no Brasil. Para isto, ela recorreu a duas autoras que escreveram sobre a escrita epistolar feminina: Meri Torras Francès (2001) e Verônica Sierra Blas (2003).

5. Americanismo e Nacionalismo Musicais na Correspondência de Curt Lange e Camargo Guarnieri (1934-1956) — Cesar Buscacio

Diferentemente do que ocorreu no trabalho de Rocha (2010), Buscacio (2009) buscou seu tema de pesquisa a partir de suas fontes: as cartas trocadas entre Curt Lange e Camargo Guarnieri. O pesquisador conta que, por volta de 2003, se dedicava a pesquisas relacionadas ao repertório brasileiro do século XX para piano a quatro mãos, quando foi convidado pela professora Sandra Loureiro de Freitas Reis⁶ para integrar o grupo de pesquisa "Curt Lange e a Musicologia Brasileira". Inicialmente, o pesquisador achou o convite um pouco deslocado de sua área de interesse, porque associava a produção do musicólogo à descoberta de partituras mineiras do século XVIII, mas acabou aceitando-o (BUSCACIO, 2009, p. 254).

⁶ Professora emérita da UFMG, falecida em maio de 2008.

Partindo deste primeiro contato, Buscacio visitou o Acervo Curt Lange⁷ e percebeu a amplitude da atuação dele na musicologia. Como seu interesse era a música brasileira do século XX, decidiu investigar a correspondência trocada entre o musicólogo teuto-uruguaio e Camargo Guarnieri, extraindo dali seu tema de pesquisa.

Em seu recorte, Buscacio questiona quais seriam as representações (CHARTIER, s.d.) configurantes dos projetos do americanismo e do nacionalismo musicais, conforme seu delineamento em práticas de escrita (epistolar e jornalística) por distintos agentes do campo musical. O pesquisador procurou entender como os dois interlocutores que, a princípio tinham projetos aparentemente antagônicos — um nacionalista e o outro americanista⁸ — podiam estabelecer uma relação de cooperação. A análise desta parceria passou também pelo mapeamento da *rede de sociabilidade* onde os missivistas estavam inseridos:

a segunda problemática desta pesquisa enfoca a rede de sociabilidades que viabiliza a transposição do americanismo e do nacionalismo musicais, para o âmbito das práticas cotidianas e das relações de poder. Assim, o terceiro capítulo objetiva explicitar, ao menos em parte, a reordenação das alianças e disputas interpessoais no circuito musical brasileiro e latinoamericano, empreendida por Curt Lange e Camargo Guarnieri, via troca epistolar, no intuito de reforçarem os projetos musicais por eles apregoados. (BUSCACIO, 2009, p.20-21)

Guarnieri publicou obras composicionais no *Boletín Latino-Americano de Música*, periódico editado por Curt Lange dedicado a divulgação da música produzida na América-Latina (BUSCACIO, 2009). Boa parte das conversas contidas nas cartas estava centrada em como conseguir espaços, globalmente, para divulgação da música produzida nas Américas. As fontes evidenciavam jogos de interesses e estratégias para ocupar espaços, teatros e instituições. Ao contrário do que ocorreu na pesquisa de Rocha, o texto analisado por Buscacio discorria explicitamente sobre a temática que estava sendo pesquisada.

Destaco, entretanto, que Buscacio, ao abordar o conceito de *redes de sociabilidade*, optou por usar um outro autor além de Sirinelli (1986): Norbert Elias (1994). Sirinelli aparece entre as referências, mas o pesquisador não o cita no corpo do texto da tese. Ao trazer o referencial teórico para definir *redes*, ele escolhe Norbert Elias:

⁷ O arquivo pessoal do musicólogo teuto-uruguaio Francisco Curt Lange foi integrado à Universidade Federal de Minas Gerais em 1995, recebendo então a denominação de Acervo Curt Lange - UFMG (ACL-UFMG). Outras informações disponíveis em <https://curtlange.lcc.ufmg.br/pinicio_pgs/pinicio01.htm> Acesso em: 01 jun. 2019.

⁸ Sobre o “americanismo” defendido por Curt Lange, Buscacio destaca que o musicólogo defendia a existência de um “espírito superior de irmandade” cuja fonte mais poderosa seriam os idiomas nascidos de uma mesma raiz. Ele também defendia que há uma “harmonia interior” que só o continente latino-americano seria capaz de criar. (BUSCACIO, 2009, p. 35)

Para ter uma visão mais detalhada deste tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede, nem a forma assumida por cada um dos seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto, essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a constituir uma rede em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele. (ELIAS, 1994, p.35 apud BUSCACIO, 2009, p.21)

Buscacio preocupou-se em mapear todos os indivíduos citados nas cartas trocadas por Curt Lange e Camargo Guarnieri, montando, desta forma, o mapeamento da *rede*. Os músicos citados foram separados por categorias: os compositores, os regentes, os pianistas, os violinistas, os violonistas e as cantoras. Também são citados funcionários do governo responsáveis por áreas de interesse dos missivistas e do circuito radiofônico e fonográfico.

É interessante observar que Buscacio não analisou profundamente as tensões, os movimentos de inclusão e exclusão de todos os atores da rede mapeada — o que seria possivelmente um recorte muito amplo para uma tese de doutorado — tendo preferido focar na análise das estratégias e ambições dos missivistas e de alguns personagens citados por eles. Possivelmente o autor privilegiou Elias, como referencial, por este trazer a imagem do "tecido": Buscacio faz um levantamento da formação deste tecido, identificando nomes e classificando-os em categorias. Talvez, mais adiante, outros pesquisadores possam fazer novas interpretações qualitativas usando o levantamento de Buscacio como base.

6. Monina Távora e suas redes

Monina Távora nasceu na Argentina em uma família com um cotidiano inusitado. Seu pai, o psiquiatra Alejandro Raitzin, estava na vanguarda do movimento antimanicomial, tendo sido diretor da pioneira colônia psiquiátrica Domingo Cabred, ou “Puertabierta”, situada na província de Buenos Aires.

A artista cresceu nesta clínica com seus seis irmãos, rodeada pelos internos e, muitos deles chegaram a ser professores dela, colaborando com sua educação básica⁹ (TÁVORA,

⁹ Ela aborda este assunto na autobiografia, mas não se detém muito nele. É possível que ela tenha contado mais detalhes sobre esta experiência aos seus alunos, especialmente para o Sérgio Abreu, com quem manteve uma relação próxima. Pretendo, durante as entrevistas que ainda serão realizadas, com o luthier e violonista, descobrir, quais as disciplinas eram ensinadas pelos internos. A hipótese que levanto, baseada no exame da autobiografia e nas

p.52). A vivência na colônia durante a infância e a adolescência parece ter sido fundamental na construção de sua identidade, ao ponto do título da autobiografia ser: *Puertabieta (memórias y conceptos)*:

"Puertabieta", como su nombre lo refleja y en la época que tuve la suerte de vivirlo (1921-43) era: Libertad, Alegría, Armonía familiar, refinamiento auténtico, no por lujo ni fortuna; mis padres eran aristócratas por la inteligencia: tuvieron siete hijos, antes de los treinta años y para cada uno de ellos, sueños fantásticos; principalmente, para el poco dinero que tenían y para un lugar como "Puertabieta" lejos, en aquella época, de todo. Para mis padres, nada era imposible". (TÁVORA, [s.d.], p. 16)¹⁰

Baseada em declarações contidas em todo o documento autobiográfico levanto hipótese de que a *rede de sociabilidade* de Monina Távora foi formada em sua gênese por sua família e pelos internos, tendo sido vivenciada, inicialmente, na colônia *Open Door*. Esta rede teria gerado as condições que possibilitaram a atuação da artista na performance e no ensino, tal qual ela se deu.

Monina teve acesso, desde muito cedo, a discussões sobre o campo da Psicologia e seus teóricos, além de ter acompanhado de perto processos terapêuticos aos quais os internos eram submetidos. Ela afirma que chegou a pensar em tornar-se psiquiatra e que seu pai dizia que ela tinha "nascido psicanalista". (TÁVORA, [s.d.], p.68). Sua autobiografia se constitui como um lugar privilegiado de observação da apropriação destes conceitos pela artista.

A estratégia que venho utilizando para analisar o documento autobiográfico é similar a que foi desenvolvida por Rocha (2010). Sendo, o trabalho desta pesquisadora um referencial para a aplicação da metodologia e do referencial teórico escolhido.

Posteriormente pretendo listar também todas as pessoas citadas na autobiografia para mapear a rede, tal qual fez Buscacio (2009). Este mapeamento poderá promover uma percepção mais acurada da estrutura desta rede e, conseqüentemente, auxiliar a análise do documento e das relações descritas nele, assim como dar suporte para a condução das entrevistas que serão realizadas com alguns dos ex-alunos de Monina Távora na próxima etapa da pesquisa.

Referências:

conversas que tive com Ricardo Dias, biógrafo do Sérgio Abreu, é que ela não frequentou uma escola regular. Sua formação se deu através do ensino doméstico e mediada pelas professoras/internos.

¹⁰ "Puertabieta", como seu nome reflete e na época em que tive a sorte de vivenciá-lo (1921- 43) era: Liberdade, Alegria, Harmonia familiar, refinamento autêntico, não por luxo ou fortuna; meus pais eram aristocratas pela inteligência: tiveram sete filhos, antes dos trinta anos, e para cada um deles sonhos fantásticos; principalmente para o pouco dinheiro que tinham e para um lugar como "Puertabieta" longe, naquela época, de tudo. Para meus pais, nada era impossível.

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV: 2006.
- BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, UNESP: 1992.
- BUSCACIO, Cesar Maia. *Americanismo e nacionalismo na correspondência de Curt Lange e Camargo Guarnieri (1934-1956)*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2009.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, s.d.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOMES, Angela. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV: 2006.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003.
- ROCHA, Inês de Almeida. *Canções de Amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade*. 2010. 309f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, Rio de Janeiro.
- _____. *Canções de Amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2012.
- _____. O que nos conta da vida?: escrita autobiográfica na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade. In: *V Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica - V CIPA*, 2012, Porto Alegre. Anais do V CIPA, São Leopoldo: Casa Leiria, 2012. v.1. p. 1 - 15.
- _____. *Liddy Chiaffarelli Mignone: reconstruindo sua trajetória*. 1997. 213f. Dissertação. (Mestrado em Música) – Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro.
- SIERRA BLAS, Verónica. *Aprender a escribir cartas: los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945)*. Gijón: Trea, 2003.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1986.
- TONI, Flávia Camargo. Pesquisa e criação nas cartas de Mário de Andrade e Luciano Gallet. *Opus*, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 256-270, abr. 2017. ISSN 15177017. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/431/415>>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- TÁVORA, Adolfinia. *Autobiografia*. Buenos Aires: não publicado. [s.d].
- TORRAS FRANCÈS, Meri. *Tomando cartas en el asunto: las amistades peligrosas de las mujeres con el género epistolar*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2001.
- VERGARA, Jorge. *Toda canção de liberdade vem do cárcere: misoginia e racismo na recepção da obra de Mário de Andrade*. 2018. Tese (doutorado em Música) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.